

# COMPROMISSO SOCIAL E EDUCAÇÃO LIBERTADORA PARA PAULO FREIRE

Eliane Brandão da SILVA  
Fernanda dos Santos PAULO

## RESUMO

O trabalho trata da luta da classe popular por um espaço na sociedade, onde seja possível expressar suas ideias sem ser reprimido e viver com dignidade. Atualmente, sabe-se que estudar é um direito de todos, portanto, a liberdade de expressão e uma educação para a conscientização não é valorizada na sociedade capitalista. O direito ao conhecimento crítico não deveria ser só da classe dominante, mas de acesso a todos. Por isto, um país onde diz acreditar na educação deveria reformular sua proposta educacional. A Constituição de 1988 garante uma educação básica a todos, não importando a idade, mas a mesma ainda não contempla na totalidade esses direitos, pois ainda há inúmeras pessoas analfabetas, por exemplo. Acredita-se que autonomia, a libertação em Paulo Freire é construída na luta e através de uma educação crítica. Paulo Freire defende a libertação enquanto direito humano, tão necessária nas sociedades arraigada por preconceitos e opressão, seja no campo econômico, pedagógico, social e cultural.

**Palavras-chave:** Paulo Freire. Conscientização. Libertação. Opressão.

## INTRODUÇÃO

Inicialmente, abordaremos algumas ideias de Paulo Freire sobre a educação humanizadora que é ausente nas sociedades capitalistas. Os governantes dão vez e voz aos capitalistas, esquecendo assim, as classes populares, enfatizando ainda mais a sociedade desigual e cheias de preconceitos. Estudar e se conscientizar dos seus direitos é uma luta da qual o povo tem de brigar muito por seu espaço e pelo direito a igualdade. Construir um projeto humanizador requer esperança e cidadãos capazes de ler o mundo criticamente, pois Paulo Freire, um grande defensor dos Direitos Humanos, tem na sua pedagogia a luta pela eliminação das desigualdades e injustiças sociais. Por fim, considerar que o povo, deve e tem todo o direito de se expressar, construindo sua

autonomia e resistindo a todas as formas de opressão, só é possível mediante uma educação comprometida com a emancipação humana.

A educação no Brasil precisa ser repensada e reformulada para que os futuros governantes possam ser escolhidos com consciência e que projetem uma educação crítica na qual seja possível construir alternativas para mudarmos o quadro de desigualdade social. Sobre essa questão, nos últimos meses temos visto o quanto a falta de formação crítica e conscientizadora estão presentes no Brasil, sendo manifestada na opinião pública de algumas pessoas oriundas da classe popular. O tipo de formação dessas pessoas é a recebida pela mídia, principalmente da Globo. A escola, lugar que deveria formar para a cidadania, não tem contemplado uma educação crítica e problematizadora.

Os representantes nas esferas: legislativa e executiva não correspondem ao um projeto de sociedade defendida por Paulo Freire. Por outro lado, ainda contamos com movimentos populares que fazem educação crítica nas ruas, buscando via manifestação popular, entrega de folhetos e assembleias esclarecer ao povo quais projetos está em disputa (Paulo, 2013).

Um povo consciente de seus direitos não deveria aceitar manipulação no congresso, na escola, na mídia e não se deixaria oprimir e nem ser enganado. Paulo Freire (1979,1986, 1996,2005), a partir da leitura de seus textos, sempre lutou por uma educação igualitária e libertadora, seja por meio da alfabetização de adultos, pelos círculos de cultura ou pela educação pública.

A educação básica, direito constitucional, ainda não é garantida a todos, e quando o é, nem sempre possui um projeto educativo que questiona essa sociedade, arraigada por preconceitos e opressão, seja no campo econômico, pedagógico, social e cultural. Conforme o artigo 208 da constituição de1988:

O dever do estado com a educação será efetivado mediante a garantia de; I. Ensino fundamental obrigatório e gratuito, assegurado inclusive, sua oferta. Gratuita para todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria. §1º - o acesso ao ensino obrigatório e gratuito é direito público subjetivo. §2º- o não oferecimento do ensino obrigatório pelo Poder Público, ou sua oferta irregular, importa responsabilidade da autoridade competente.

O artigo acima não trata da garantia de uma educação crítica e humanizadora, apenas garante o acesso escolar de pessoas que antes eram excluídas desse direito. Segundo Gadotti (2003), as escolas para os adultos surgiram na zona rural para alfabetização, mas inicialmente não possuíam um currículo crítico, apenas instrumental. Freire chamaria essa educação de bancária. Segundo Paulo Freire (1986, p. 17):

A educação é também um ato político. A ideologia dominante "vive" dentro de nós e também definitiva, nunca poderíamos pensar na transformação social. Mas a transformação é possível porque a consciência não é um espelho do simples reflexo, mas é reflexiva e refletora da realidade. Enquanto seres humanos conscientes, podemos descobrir como somos condicionados pela ideologia dominante. Podemos distanciar da nossa época podemos aprender, portanto, como nos libertar através da luta política na sociedade. Podemos lutar para ser livres, precisamente porque sabemos que não somos livres? É por isso que podemos pensar na transformação.

A educação enquanto direito humano deveria emergir das lutas históricas da classe popular no combate aos processos exploratórios do capitalismo vigente. Sabemos que a educação elitizante detém o poder hegemônico e não defende os direitos sociais, econômico e cultural para o povo. A classe dominante não aposta na educação Popular defendida por Paulo Freire, porque é perigosa para eles, no sentido de ser ela crítica, problematizadora e questionadora do poder opressor. A sociedade capitalista é desumana, e vemos que ela está presente no comando do sistema governamental. Sistema este que influencia nas políticas educacionais.

No livro *Pedagogia da autonomia* (1996), Paulo Freire fala que educar com compromisso social requer uma pedagogia da luta e posicionamento, pois a educação não é neutra. Segundo o educador, (1996, p.59)

Gosto de ser homem, de ser gente, porque não está dado como certo, inequívoco, irrevogável que sou ou serei decente, que testemunharei sempre gestos puros, sou ou serei justo, que respeitarei os outros, que não mentirei escondendo o seu valor porque a inveja de sua presença no mundo incomoda e me enraivece. Gosto de ser homem, de ser gente, porque sei que a minha passagem pelo mundo não é predeterminada, preestabelecida. Que o meu "destino" não é um dado, mas algo que precisa ser feito e de cuja responsabilidade não posso me eximir. Gosto de ser gente porque a História em que me faço com os outros e de cuja feitura tomo parte é um tempo de possibilidades e não é determinismo.

Paulo Freire defende a esperança enquanto mobilizadora, sendo o seu testemunho prova de que é possível construir alternativas ao modelo vigente de sociedade. Ele lutou pela educação popular mesmo sendo alvo de perseguições, de desdenho e de não reconhecimento de sua pedagogia. Para ele, a educação para a liberdade está associada à

humanização, contrária aos valores da sociedade capitalista. Conforme Paulo Freire (2000, p. 48):

O educador libertador tem que estar atento para o fato de que a transformação não é só uma questão de métodos e técnicas. Se a educação libertadora fosse somente uma questão de métodos, então o problema seria mudar algumas metodologias tradicionais por outras mais modernas, mas não é este o problema. A questão é o estabelecimento de uma relação diferente com o conhecimento e com a sociedade.

A educação tradicional foi criada de uma forma onde educadores têm o saber e o aluno e um simples depósito de informação, o que significa não trabalhar a educação política, tampouco uma formação crítica. Para produzir transformações, é preciso reconhecer os limites da educação e da sociedade, apontando os lugares da opressão e os lugares possíveis de libertação. Por isso, de acordo com Freire, este processo de libertação só acontece: “somente quando os oprimidos descobrem nitidamente, o opressor se engaja na luta organizada por sua libertação, começam a crer em si mesmo, superando a si, sua convivência com o regime opressor” (2002, p.52).

Numa visão de educação popular não basta só aprender a ler e escrever, mas a contextualizar de forma crítica essas aprendizagens para a superação dos processos de opressão. Para que isso ocorra, a bagagem de experiência das classes populares deve ser valorizada e problematizada e junto com o conhecimento científico, construir um conhecimento crítico. Para Paulo Freire (1996, p. 33), um exemplo de formação de consciência crítica:

Porque não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas de cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes. No ensinar o mestre precisa ser objetivo e claro para o seu educando ser observador, criador e responsável deixando de ser um ingênuo em suas ideias de existência no mundo.

O povo alfabetizado politicamente pode produzir mudanças significativas no seu contexto social, ampliando os seus espaços de atuação através de não olhar e ação crítica, tornando-se consciente de sua realidade para transforma-la (Freire, 2002). Para Paulo Freire (2000), a conscientização consiste no desenvolvimento crítico da tomada de consciência, a mesma implica na esfera espontânea de apreensão da realidade. Além disso, ele faz importantes colocações que auxiliam nas intervenções de tomadas de consciência dentre elas a que somos seres inacabados em constante processo de aprendizagem.

## **O PROCESSO DE LIBERTAÇÃO NO CAMPO EDUCATIVO**

Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pelas práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela. Luta que, pela finalidade que lhe derem os oprimidos, será um ato de amor, com o qual se oporão ao desamor contido na violência dos opressores, até mesmo quando esta se revista da falsa generosidade referida. (FREIRE, 2005, p.17).

O processo de libertação em Paulo Freire realiza-se a partir de uma educação problematizadora. Em *Pedagogia do Oprimido* (2005), localizamos que o processo se dá pelas práxis e na luta dos oprimidos para libertarem-se da opressão. Consideramos que o fato do povo não ter o direito à educação é uma forma de opressão, ou tê-la enquanto acesso, mas excluindo dela um projeto crítico-problematizador é uma educação bancária, ou seja, outra forma de opressão. No entanto, o acesso à educação não é a garantia da produção de conhecimento libertador e emancipatório. A educação, nesse sentido, pode incluir ou excluir, não significando estar associada a uma proposta crítica. Por exemplo, o acesso à educação para a classe popular é uma forma de inclusão, mas ela pode tornar-se excludente, seja pela metodologia, pela forma de acesso ou por outras condições, isto devido a sua concepção dominante predominante nas sociedades capitalistas.

Porém, uma escola que quer democrática e comprometida socialmente com os oprimidos compreende que o processo de libertação se realiza permanentemente e não ocorre só na escola. Por isto, a escola não pode trabalhar de modo isolado, daí a importância dos movimentos populares, da formação política e da luta por uma pedagogia com compromisso social.

Para Paulo Freire (2005), uma pedagogia para humanização parte da luta de um povo que não quer ser oprimido, exigindo um espaço na sociedade para se expressar e viver com dignidade. O processo de libertação vai para além do direito à educação, a moradia e a liberdade de expressão, é, portanto, compreender que a educação para a conscientização não aceita as opressões advindas da sociedade capitalista, geradora das desigualdades entre contextos urbanos e rurais, preconceito entre trabalho manual e intelectual e da pobreza.

Assim, o processo de libertação é ir além do que conta na Constituição Federal de 1988, pois acredita-se que o compromisso da educação humanizadora está relacionada ao conhecimento para a transformação social e não apenas para conquistas isoladas, que

embora sejam importantes não garantem a justiça social. Neste sentido, mais que reconhecer que a desigualdade é fruto de sociedades capitalistas é necessário,

[...] indiscutivelmente, em reconhecer a desumanização, não apenas como viabilidade ontológica, mas como realidade histórica. É também, e talvez sobretudo, a partir desta dolorosa constatação, que os homens se perguntam sobre a outra viabilidade – a de sua humanização. Ambas, na raiz de sua inconclusão, que os inscreve num permanente movimento de busca. Humanização e desumanização, dentro da história, num contexto real, concreto, objetivo, são possibilidades dos homens como seres inconclusos e conscientes de sua inconclusão. (FREIRE, 2005, p.16).

Em outras palavras, a pedagogia de Paulo Freire defende os direitos humanos enquanto ação construída para a humanização, negando todo e qualquer tipo de opressão. Acreditamos que essa educação é a educação popular nas práxis: emancipatória e humanizadora (Paulo, 2013). A educação para a humanização, portanto, é um compromisso social dos educadores críticos, pois não são os educadores conservadores que irão projetar uma pedagogia para a libertação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Reconhecer que a História é tempo de possibilidade e não de determinismo, que o futuro, permitas-me reiterar, é problemático e não inexorável. ”*  
(FREIRE, 1996, p.8-9).

Ao longo do texto discutimos a luta da classe popular por um espaço igualitário na sociedade que historicamente excluiu o povo do direito a educação crítica, reprimindo-o e negando o direito de viver com dignidade. Atualmente, sabe-se o quanto é importante à pedagogia freiriana, sobretudo porque estudar na escola não significa aprender para transformar. Vivenciamos as fragilidades do sistema educacional vigente no contexto político e econômico brasileiro. A educação enquanto direito de todos não tem garantido uma formação libertadora e conscientizadora. É através dos Movimentos Populares que existem possibilidades de questionar a sociedade capitalista que influencia as políticas educacionais. Acredita-se que a educação para a libertação em Paulo Freire é um direito

humano e só se efetiva na luta e através de uma educação crítica no campo econômico, pedagógico, social e cultural.

O cidadão político, enquanto coletivo, seria capaz de ler o contexto opressor e atuar sobre ele, de modo a criar alternativas ao modelo vigente e quiçá romper com todos os modos de opressão. O que nos identifica, enquanto defensores da pedagogia freiriana, é a esperança de que é possível mudar e a mudança só é viável a partir da luta coletiva, do empoderamento das classes oprimidas e da formação política. Usando-nos do pensamento de Paulo Freire (1986) dizemos que lutar para um futuro melhor sem esperança é impossível, por isto deve-se ultrapassar o medo, que muitas vezes é paralisante. Precisamos de coragem!

## REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Teoria e Prática da Libertação**: Uma Introdução ao Pensamento de PAULO FREIRE, CORTEZ & MORAES, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa, São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Medo e Ousadia**: O Cotidiano do Professor, Paz e Terra, 1986.

GADOTTI, Moacir. MARTIN Lilian Lopes (trad.). **Educação e Mudança**. 20. Ed. Rio de Janeiro Paz e Terra, 1994.

PAULO, dos Santos Fernanda. **A formação dos (as) educadores (as) populares a partir das práxis**: um estudo de caso da AEPPA. UFRGS-FACED, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2013. (Dissertação/mestrado). 278p.